

Imagens da Boa Morte: um universo de sentido

Aline Pires SILVA¹
Joseane Vietena dos SANTOS²
Maísa ALMEIDA³
Vanhise da Silva RIBEIRO⁴
Dra. Renata Pitombo CIDREIRA⁵

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – BA

RESUMO

A Irmandade da Boa Morte é uma ordem religiosa constituída em torno de ideais de libertação e preservação às suas tradições religiosas. Uma manifestação simbólica e cultural de extrema beleza e exuberância. Em torno desse universo representativo e identitário que é a Boa Morte, o presente trabalho visa compreender a composição de sua indumentária, que está imersa numa teia de representações simbólicas e de construção de sentidos. Desse modo, a realização da exposição fotográfica “Imagens da Boa Morte” busca mostrar através da linguagem visual, a expressividade, a simbologia e o sincretismo inerentes aos trajes utilizados por esta irmandade.

Palavras chave: irmandade, indumentária, simbologia.

O extremo finito da imagem abre para o extremo finito
da contemplação, da sideração (Barthes, 2005).

O poder da imagem

As imagens, no Ocidente, sofreram até recentemente certa desconfiança. Durante muito tempo se denunciou o caráter falso e, sobretudo, dissimulador da imagem e estigmatizou-se o domínio que é exercido por ela, pelos sentidos e pelas

¹ Estudante de graduação do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Bolsista Mec/SESU;

² Estudante de graduação do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Bolsista voluntária;

³ Estudante de graduação do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Bolsista voluntária;

⁴ Estudante de graduação do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Bolsista Mec/SESU;

⁵ Professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Orientador Mec/SESU;

paixões. Sabemos que houve por muito tempo uma insistência em “denunciar” a capacidade da imagem em criar espaços ilusórios, ambientes de simulacros que levam a crer na realidade das aparências.

Essa desconfiança a respeito da imagem está prestes a desaparecer. Se por um lado a imagem teve um grande impulso com o aparecimento e desenvolvimento das técnicas, através da fotografia, do cinema e/ou da televisão, por outro, vamos assistir a essa reabilitação da imagem e do imaginário, desse campo intermediário entre o sensível e o inteligível, através do empreendimento de diversos autores, a exemplo de Edgar Morin, Gilbert Durand e Michel Maffesoli, entre outros.

Impulsionada a opor essas duas vias, a imagem promove uma série de questões, sobretudo na civilização ocidental, que se tornou uma civilização da imagem. A confusão entre real e imaginário é uma delas e sem dúvida alguma, a fotografia foi a primeira expressão visual a instigar e a suscitar esse debate.

Mas sabemos que a distinção entre imagem e realidade não é tão evidente assim. Em sociedades mais remotas, o objeto e sua imagem constituíam simplesmente duas manifestações diferentes, isto é, fisicamente distintas, da mesma energia do espírito. Daí a suposta eficácia da imagem em propiciar e exercer controle sobre presenças vigorosas. “Tais poderes, tais presenças estavam presentes *nela*” (SONTAG, Susan, 1981, p.149). Nesse sentido, é preciso talvez reconhecer que a imagem não apenas *reproduz* o real, mas *apresenta* um real.

A câmara efetivamente capta a realidade e a faz mais do que apenas interpretá-la. No entanto, ela também constitui uma interpretação do mundo, da mesma maneira que a pintura ou o desenho. Ainda assim, ao recortar um dado do mundo, sob a perspectiva de um certo *olhar*, ela interfere na visão desse mundo, criando novas possibilidades, criando novos mundos. Daí reside sua dinâmica de oscilação entre a foto de reportagem (que registra fielmente) e a chamada fotografia de arte (que destaca aspectos expressivos, de composição, harmonia, densidade, etc.). Para além de suas distinções intencionais, ambas, entretanto, podem nos fazer sonhar.

A imagem da Boa Morte

Formada a partir de preceitos étnicos e religiosos como forma de contestação à submissão das mulheres negras numa sociedade racista e patriarcal, a Irmandade da Boa Morte data do século XIX, embora existam muitas controvérsias acerca do

seu aparecimento. Com cerca de 238 anos de existência, como afirma Walmir Pereira, secretário da Irmandade, a Boa Morte conta atualmente com 22 mulheres (todas do Candomblé e com mais de 40 anos), e com 4 noviças, o que contabiliza um total de 26 mulheres, que preservam e difundem uma tradição.

Processo de construção de sentidos com base em fortes atributos culturais e religiosos, a Irmandade acolhe campos altamente expressivos e singulares, entre os quais, destacamos o aspecto visual: a dimensão simbólica e imaginária das vestes e adereços da Boa Morte.

Para tanto, escolhemos a fotografia, por acreditar que esta imagem não apenas registra, mas também se presta ao culto. Observamos que a iconografia sempre esteve presente nas igrejas e na vida religiosa. A fotografia tem um efeito mágico, que remete à crença e à capacidade imaginativa do homem.

O espetáculo visual pode ser conferido no mês de agosto. Durante os festejos em homenagem à Maria, as ruas de Cachoeira se tornam passarelas para um fascinante ritual religioso e estético, em que a indumentária, os adornos e a composição da aparência se fazem presentes de forma significativa. As irmãs ora vestem branco, usam torço mulçumano também branco e seus adereços são mais discretos, tudo em sinal de luto e paz. Ora vestem preto e usam lenços vermelhos; são os chamados trajes de gala, acompanhados de muitos adereços: colares, guias, pulseiras, balangandãs, anéis pratas e dourados, representando a riqueza e a beleza.

Plissados, panos da costa, bordados, xales, sedas, batas, veludos e balangandãs. Esses são alguns dos elementos visuais que compõem a imagem da Boa Morte. Uma mistura de matizes, texturas e adornos que revelam a combinação harmoniosa de traços de uma religiosidade marcada por fortes tradições católicas e pelos expressivos rituais do Candomblé.

Assim é a Irmandade: rica, complexa, sincrética. Uma tessitura repleta de tramas. Potência aberta e indefinida de significação. Com imagens apresentamos a Irmandade. Mas não a revelamos por inteiro, pois para sabê-la é preciso *olhar*, olhar de um certo ponto de vista, de uma certa distância e em um certo *sentido*.

A cada olhar, uma possível Irmandade se presentifica. Uma presença que nos invade e incita, nos convida à especulação e à fantasia. Uma presença que só se dá pela aparência.

Produção do imaginário

Repleta de simbologia e identidade, as vestes utilizadas pelas adeptas da Boa Morte durante os festejos religiosos à Nossa Senhora, que ocorre no mês de agosto, aliam elementos e/ou atributos culturais distintos, por ora reunidos pelo fator sincrético.

No auge das comemorações à Maria, que acontecem entre os dias 13 e 15, sendo atualmente estendidos aos dias 16 e 17 do referido mês, as vestes podem notadamente serem apreciadas, uma vez que as ruas da cidade tornam-se palco da encenação de um fascinante ritual religioso em torno da figura gloriosa de Nossa Senhora.

Neste contexto, a indumentária se faz presente e de forma significativa ao compor um espetáculo cultural e extremamente simbólico acerca dos distintos momentos de Maria, que abrangem a Morte e a Assunção dessa divindade.

A importância da Irmandade da Boa Morte não se restringe apenas a uma manifestação cultural e religiosa, fortemente percebida durante o mês de agosto, abrange um conjunto de elementos simbólicos que constituem a sua identidade. O interesse pelo tema, tem atraído muitas pessoas que desejam conhecer um pouco mais desse universo extremamente sincrético.

Com a vinda da universidade para Cachoeira, o desejo pela descoberta dessa tradição também foi manifestada. Por quase um ano e meio, foram feitas pesquisas que resultaram em alguns produtos, dentre os quais um ensaio fotográfico, exposto no período que compreende a festa à Nossa Senhora da Boa Morte.

Todos os anos, esse festejo atrai uma grande quantidade de pessoas, inclusive estrangeiros, que de várias partes do mundo, que já ouviram falar da importância dessa manifestação, que preserva singularmente suas tradições, num espetáculo simbólico e de fé, que enaltece a cultura negra.

Desta forma, se justificou a escolha do momento para lançamento da exposição, que apresentou os resultados de uma pesquisa feita por estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Esta mostra de produção, também pôde refletir a contribuição da UFRB para o Recôncavo, revelando o caráter que esta tem em promover uma maior aproximação entre a instituição e a comunidade local.

Imersa na construção de sentidos, a realização da exposição fotográfica “Imagens da Boa Morte” buscou mostrar através da linguagem visual, o universo

representativo e identitário dessa Irmandade, expresso através da composição de sua indumentária.

A mostra visou apresentar a beleza e a representatividade das cores, tecidos, composições, dos adereços e signos, que se arranjam de forma harmoniosa para integrar o aspecto cênico e estético do culto à Boa Morte.

A exposição das fotografias de algumas irmãs dessa confraria, no auge dos festejos à Maria, buscou dar maior visibilidade a essa manifestação cultural e expor um dos resultados da pesquisa inicial sobre a indumentária das adeptas dessa Irmandade.

O trabalho pôde então expor através das imagens, a riqueza e a importância das vestes, além da contribuição cultural e artística dessa manifestação para Cachoeira. O público alvo foi a própria comunidade local, além de visitantes de várias partes do país e do mundo.

Um dos objetivos da exposição era a divulgação da mesma nos veículos midiáticos. Nesse sentido, foram elaborados releases, enviados aos principais meios de comunicação da região, além de notas informativas no site da Universidade.

A exposição “Imagens da Boa Morte”, incluída na programação do Simpósio: Identidades Culturais e Religiosidade, realizado pelo CAHL (Centro de Artes, Humanidades e Letras) foi amplamente visualizada pelos participantes e freqüentadores do evento.

O resultado da divulgação da mostra fotográfica pôde ser visto em uma das reportagens realizadas pela TV BAHIA, sobre os festejos da Boa Morte, ao exibir flashes das imagens expostas.

Imagens em execução

O ensaio fotográfico foi um dos resultados da pesquisa sobre “A dimensão simbólica das vestes da Boa Morte”, coordenada pela professora doutora Renata Pitombo Cidreira. Para o mesmo, foram usadas algumas técnicas obtidas na disciplina de Fotojornalismo. As fotos que evidenciam o cortejo foram capturadas com a câmera digital Sony Cyber-shot DSC. Para o ensaio fotográfico foi usada a câmera refflex digital Sony DSL, lembrando que métodos subjetivos se fizeram presentes em todo o processo, assim como a escolha de ângulos e enquadramentos, sempre privilegiando expressões, detalhes, adornos e adereços usados pelas integrantes dessa confraria.

A execução das fotografias, contou com a disposição de algumas irmãs como Dágmar (Dadi) e Analha, que permitiram serem fotografadas em suas casas. Tal possibilidade deu-se em função de um trabalho inicial de aproximação, do qual resultou uma certa confiança, estabelecida depois de vários encontros, longas conversas e entrevistas entre as irmãs e as bolsistas do projeto.

A pesquisa iniciada continua possibilitando o uso de outros métodos a depender do resultado que se pretenda obter. Dessa forma, para a exposição foram necessárias ampliações (30X40) e aplicação de moldura para uma melhor visualização das imagens.

O espaço utilizado para a primeira exposição foi a Ordem Terceira do Carmo, em Cachoeira, concomitante com o Simpósio: Identidades Culturais e Religiosidades. Logo após as fotografias foram expostas durante um mês (período de 25 de agosto a 25 de setembro) no espaço Pouso da Palavra e, em seguida, foi montada no Café com Arte Sebo Ana Néri (onde ficará em exibição até final de outubro), ambos em Cachoeira.

Os ambientes escolhidos para mostrar a exposição “Imagens da Boa Morte”, contribuíram para criar um clima propício à observação e apresentação da rica, complexa e sincrética Irmandade, que através de diversos olhares puderam ter várias interpretações e diferentes sentidos.

Na Ordem Terceira do Carmo, tínhamos todo encanto de um lugar que guarda muito mistério e beleza, e que é um dos pontos turísticos mais visitados da cidade, desta forma, um grande número de pessoas pode conferir a exposição. Para dispor as fotos usamos cavaletes enfileirados em duas colunas.

No Pouso da Palavra o ambiente suscita acolhimento, um ponto especial para apreciar arte. Neste local, a disposição das fotografias foi feita numa parede rústica de tijolos, o que fez sobressair ainda mais a beleza das imagens e a simplicidade dos olhares das irmãs representadas nas fotos.

No Café com Arte Sebo Ana Néri, espaço recém inaugurado em Cachoeira, mas que vem tendo muito destaque pelas suas variedades de eventos e pela sua característica aconchegante, a exposição foi montada logo na entrada e ganhou destaque pela iluminação natural do dia e também da noite que deram um brilho especial as fotografias.

A receptividade à exposição foi percebida pela forma como as pessoas apreciavam as fotografias e demonstravam a sua surpresa em saber que as

mesmas foram produzidas por estudantes de jornalismo e não por fotógrafos profissionais.

A Irmandade e todo seu mistério, os rituais, as expressões e posturas das mulheres que compõe a mesma, suas vestes e seus adereços, são bastante cobiçados pelos olhares dos fotógrafos. Esse conjunto de elementos visuais valiosíssimos forma um cenário perfeito para ótimas fotografias.

Depois de apresentarmos a mostra “Imagens da Boa Morte” em Cachoeira, a pretensão é expô-las em outras cidades, como em Feira de Santana no CUCA, Centro Universitário de Cultura e Arte da Universidade Estadual de Feira de Santana, que provavelmente deverá ser o próximo local.

É importante salientar que o projeto não se resume apenas a esta exposição, pois a mesma é parte de um trabalho que já deu outros resultados como o artigo *Irmandade da Boa Morte: Simbologia dos trajes e reforço à identidade sincrética*, já apresentado em alguns eventos acadêmicos, inclusive em outros estados e que continuará sendo aprimorado no sentido de colhermos entrevistas, fazer novas leituras e descobertas sobre o universo afro-cultural e religioso que é a Irmandade da Boa Morte.

Receptividade da Exposição:



Na Ordem Terceira do Carmo, turistas e participantes do Simpósio puderam apreciar a exposição.

Algumas escolas do município de Cachoeira também puderam visualizar as fotografias expostas.





A exposição no espaço Pouso da Palavra foi recebida num ambiente bastante aconchegante.

O Pouso da Palavra, literatura e arte compartilham de um mesmo ambiente.



Capturar sentido

As imagens capturadas para a exposição “Imagens da Boa Morte” resultam de um olhar acurado, preocupado com a dimensão simbólica que a indumentária abarca. Dentre os muitos símbolos e signos inerentes aos códigos vestimentares da Irmandade, as imagens buscam revelar um em especial: a composição das vestes.

Nesse sentido, as indumentárias e os adereços são compreendidos na sua dimensão expressiva e, portanto, reveladores de uma identidade característica, permeada por elementos distintos, porém combinados pelo fator sincrético.

Tal representatividade nos fornece uma gama de significados, por ora capturados através da imagem, que não apenas reproduz um dado momento do real, mas revela e estimula a encantadora magia da *apreciação*.

Dessa forma reconhecem-se os reais atributos do imagético, alavancados pela lente de uma câmera, pelo *olhar* do fotógrafo, pelo enquadramento privilegiado, que abrem assim, espaço a um universo infinito de possibilidades que somente a *interpretação* pode desvendar.

Imagem 1: Fé



A imagem nos revela uma dimensão expressiva, permeada pela fé e devoção. O uso do branco no dia 13 de agosto anuncia a morte de Maria, é o dia dedicado ao sentimento pela morte dessa santidade. Numa procissão, a Irmandade veste branco, usam contas e brincos também

brancos e/ou prateados. O torço branco na cabeça é um elemento característico da cultura mulçumana. As irmãs carregam pelas ruas tochas acesas, como um sinal de devoção, buscam iluminar a passagem espiritual de Nossa Senhora.

Imagem 2: A indumentária é sentido



A imagem busca um enquadramento adequado a visualização da indumentária. O branco representa o luto para o povo de santo. Esse traje é assim marcado pelo uso de rendas e adereços (brincos e contas), todos brancos, detalhes que simbolizam não apenas o luto, mas também representam a paz. “As integrantes da Irmandade se vestem de branco, roupa que identifica as mulheres de santo e simboliza a paz, cor preferida de Oxalá, também eram utilizadas para identificar as mucambas, antigas serviçais dos casarões”. (Valmir Pereira dos Santos, julho de 2007, em depoimento à pesquisadora).

Imagem 3: **A Matriarca**



A irmã Estelita é a mais velha adepta dessa ordem religiosa. É a juíza perpétua da Boa Morte. Na foto segura o ceptro da irmandade, um elemento distintivo de sua autoridade nessa ordem religiosa. Estelita é um exemplo vivo de fé e dedicação a Nossa Senhora.

Imagem 4: **Velório**

Na imagem o movimento é captado. Na pós-produção dessa fotografia o fundo foi desfocado e descolorido. O preto e o branco são usados para dar mais nitidez e vivacidade ao primeiro plano. As



cores em destaque exibem a beleza das vestes, que neste dia representam o velório de Nossa Senhora. As irmãs vestem o traje de gala, as chamadas becas: saia preta plissada, bata e o pano da costa preto forrado de vermelho é transpassado ao corpo (tal adereço representa as negras mulçumanas que vieram para o Brasil). Na ocasião, as irmãs não usam jóias.

Imagem 5: **Simbologia**



O dia 15 de agosto consagra a Assunção de Maria. A cor vermelha do pano da costa torna o traje extremamente vivaz. As irmãs mantêm o uso da roupa de gala, mas a composição fica por conta da utilização de muitos adereços: colares, guias, balangandãs, pulseiras e anéis. O pano da costa (dividido em dois lados, um preto de veludo e o outro de vermelho de seda pura) é usado diferentemente: com destaque para o tom de vermelho que sugere o vigor da vida.

Imagem 6: **Adereços**



Privilegia-se o plano Close-up como enquadramento, para dar destaque aos acessórios utilizados no dia 15 de agosto. A exuberância do traje é dada dentre outros elementos pelos adereços. Muitas jóias douradas são utilizadas para representar a riqueza.

Imagem 7: Irmandade



Essas são algumas integrantes da irmandade, fotografadas em ensaio. A beleza das cores e adereços remete ao valor estético que as vestes revelam. O dia 15 é considerado como o principal dia da festividade, já que representa a Assunção de Maria.

Imagem 8: Adornos



Num ensaio fotográfico, realizado na casa de uma das integrantes da irmandade, Dagmar (Dadí), a foto em perfil busca dar destaque aos adereços. A expressividade e a beleza dos ornamentos utilizados por Dagmar, proporcionam certa sutileza ao traje.

Imagem 9: **Jóias**



Em destaque a mão de Analha, também integrante da irmandade. Anteriormente, as jóias pertenciam às mulheres negras alforriadas, adereços também utilizados pelas negras para comemorar a abolição.

Imagem 10: **Mãe Venerável**



Mãos cruzadas na altura do ventre em sinal de oração e respeito à Nossa Senhora, venerada na Irmandade da Boa Morte por representar o arquétipo de Mãe protetora, defensora, sustentadora da paz e da harmonia.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa, Edições 70, [s/d].
_____. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso*. Trad. Lea Novais. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

_____. A retórica da imagem. In: *O óbvio e o obtuso*. Trad. Lea Novais. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990

CASTELLS, Manoel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda enquanto manifestação simbólica. In: *O sentido e a época*. Salvador: Edufba, 1995.

CIDREIRA, Renata Pitombo. *Os sentidos da moda*. São Paulo: Annablume, 2005.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. *Boa Morte da Memória de Filinha às Litogravuras de Maragogipe*. Salvador, 2007.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis, Vozes, 1994.

ECO, Umberto. O olhar discreto: semiologia das mensagens visuais. In: *A estrutura ausente*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FALCON, Gustavo. *Boa Morte, uma Irmandade de exaltação à vida! Aiyê-Orun* [on-line]. In: Geocities, s/d. Disponível na internet: www.geocities.com/Wellesley/4328/historia.htm. Acesso em: 11/06/2007.

MARQUES, Francisca. *Festa da Boa Morte: Identidade, Sincretismo e Música na religiosidade brasileira* [on-line]. In: 3º Congresso Virtual de Antropología y Arqueología, 2000. Disponível na internet: www.naya.org.br/congresso2002/ponencias/francisca_marques.htm.

Acesso em: 11/06/2007.

OMAR, Arthur. *Antropologia da face Gloriosa*. São Paulo, Cosac & Naify, 1997.

_____. O zen e a arte da fotografia: entrevistas, anotações, diálogos e sentenças sobre a natureza da fotografia. São Paulo, Cosac & Naify, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *Por uma classificação da linguagem visual*. FACE 4.1:97-108, 1989.

_____. A assinatura das coisas: S.P. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTAELLA, Lúcia. *Teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo, 1995.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. 2ed. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Editora Arbor Ltda, 1981.

VERGER, Fatumbi. *Orixás, deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. 5ª ed. Salvador: Corrupio, 1997.